

Juventudes geracionais: reverberações históricas e suas representações¹

Generational youth: historical reverberations and their representation

Juventud generacional: reverberaciones históricas y sus representaciones

Ivany Pinto Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2455-3676>

Lucía Lionetti

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2143-7615>

Resumo: Este artigo teve o objetivo abordar as gerações de juventudes brasileiras e argentinas na perspectiva de suas respectivas representações, ontem e hoje, de uma perspectiva histórica comparada e conectada. É abordado neste estudo, as juventudes que viveram tanto na modernidade quanto na pós-modernidade. Para isso, foram eleitos dois aspectos a saber: 1) os períodos históricos da modernidade e da pós-modernidade, marcados por eventos históricos sociais e culturais que justificaram o aparecimento de pensamentos, afetos e fazeres nas diferentes épocas e contextos; e 2) a cultura juvenil, presente em cada período por considerar que a abordagem sobre as culturas juvenis de cada época histórica assegura maior clareza sobre a dinâmica psicossocial dessas juventudes.

Palavras-chave: jovens gerações de brasileiros e argentinos; culturas juvenis; representações; modernidade; pós-modernidade.

Abstract: This article aimed to address the generations of Brazilian and Argentine youth from the perspective of their respective representations, yesterday and today, from a comparative and connected historical perspective. This study addresses young people who lived in both modernity and post-modernity. For this, two aspects were chosen: 1) the historical periods of modernity and post-modernity, marked by historical social and cultural events that justified the appearance of thoughts, affections and actions in different times and contexts; and 2) youth culture, present in each period, considering that the approach to youth cultures of each historical period ensures greater clarity about the psychosocial dynamics of these youths.

Keywords: young brazilian and argentine generations; youth cultures; representations; modernity; postmodernity.

Resumen: Este artículo tuvo como objetivo abordar las generaciones de jóvenes brasileños y argentinos desde la perspectiva de sus respectivas representaciones, ayer y hoy, desde una perspectiva histórica comparada y conectada. Este estudio se dirige a jóvenes que vivieron tanto en la modernidad como en la posmoder-

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.



nidad. Para ello se escogieron dos aspectos: 1) los períodos históricos de la modernidad y la posmodernidad, marcados por acontecimientos históricos sociales y culturales que justificaron la aparición de pensamientos, afectos y acciones en diferentes tiempos y contextos; y 2) cultura juvenil, presente en cada período, considerando que el acercamiento a las culturas juveniles de cada período histórico asegura una mayor claridad sobre las dinámicas psicosociales de estos jóvenes.

Palabras clave: generaciones jóvenes brasileños y argentinos; culturas juveniles; representaciones; modernidad; posmodernidad.

1 Introdução

Este artigo objetiva abordar as gerações de juventudes brasileiras e argentinas na perspectiva de suas respectivas representações, ontem e hoje, a partir de uma perspectiva de história comparada e conectada, cujo método historiográfico se caracteriza pela abordagem comparativa entre diferentes sociedades que viveram períodos e condições culturais semelhantes.

Destacamos que a motivação para tal escrito de duas pesquisadoras, uma brasileira e outra argentina, se desenvolveu no contexto da missão acadêmica, realizada em 2024, em Tandil, província da Argentina.

Desse modo, nossas investigações se encaminharam com base na seguinte indagação: como se constituíram as culturas e as respectivas representações sobre juventudes na modernidade e na pós-modernidade. Para isso, partimos da hipótese de que a construção das culturas e respectivas representações sobre as juventudes na modernidade e na pós-modernidade assinalam diferenças entre elas, uma vez que os contextos psicosociais, vividos em cada momento histórico, são dinâmicos, complexos e, portanto, pleno de mudanças que 'atravessam' relações, pensamentos, sentimentos e fazeres de uma população, sobretudo a de jovens.

Contudo, essas diferenças não anulam as conexões com as gerações anteriores, pois, sem essas interações intergeracionais coexistentes, não haveria possibilidades de outras representações na medida em que a ancestralidade é fundante na história dos grupos humanos e respectivos/as sujeitos/as. Significa que a memória coletiva é a fonte de transmissão de saberes e cultura dos antepassados, assim como para a construção de memórias individuais, identidades, lugares e pertencimentos dos sujeitos nos grupos sociais, conforme Halbwachs (2013).

Ademais, acrescentamos que as gerações², no caso a de jovens, muito embora alguns estudiosos demarquem suas abordagens em décadas, entendemos que essa marca-

² Coletivo de jovens que de faixas etárias próximas e que viveram suas juventudes 'atravessadas' por contextos históricos semelhantes.

ção, além de didática, cumpre o papel de guiar, além de enfatizar as características que se evidenciam naquele grupo social.

Importa destacarmos que o início de uma geração e seu final, não temos como padronizar, visto que, isso depende do processo de evolução de cada sociedade. Implica em dizermos que as transformações, em larga escala da sociedade, acontecem quando os eventos históricos, culturais, sociais, econômicos, dentre outros, representam fortes ameaças para aquele grupo ou sociedade e, então, os gatilhos para mudanças são acionados. Podemos entender que de forma inversa, ou seja, quando os eventos, além de sutis, não são ameaçadores para aquela sociedade, as gerações mantêm seus *modus operandi*, isto é, as mudanças em suas representações são muito lentas e imperceptíveis.

Em síntese, o movimento dinâmico de eventos histórico-social é central para a compreensão do processo de surgimento das novas gerações, bem como as mudanças das representações e identidades de grupos sociais, segundo Mannheim (1993).

Para abordar, em nosso estudo, as juventudes que viveram tanto na modernidade quanto na pós-modernidade, elegemos dois aspectos a saber: os períodos históricos da modernidade e pós-modernidade; e as culturas juvenis, presente em cada período, por considerarmos que a abordagem sobre a cultura juvenil de cada época histórica nos assegura maior clareza sobre a dinâmica psicossocial dessas juventudes.

Reiteramos que as marcações feitas por períodos históricos: a modernidade e a pós-modernidade se diferenciam quanto às transformações políticas, sociais, culturais, artísticas, filosóficas, científicas, estéticas etc. Esses períodos foram marcados por eventos históricos sociais e culturais que justificaram o aparecimento de pensamentos, afetos e fazeres nas diferentes de épocas e contextos.

O termo modernidade ou “o moderno” assume diferentes significados e conteúdos, visto depender da disciplina e do momento histórico a que se refere. O termo não é nada novo e, segundo Peter Gay (2007), parece ser um termo que nos leva mais facilmente a exemplos do que a uma possível definição. Habermas (1987) observa que o primeiro momento da modernidade ocorreu no século XV. Num sentido mais amplo e, claro, mais próximo do presente, os homens da Renascença já se viam como modernos.

No entanto, foi durante o século XVIII é que decisões mais firmes foram tomadas como afirma o filósofo alemão no *Discurso Filosófico da Modernidade* (Habermas, 1987): a) para formação de capital e a mobilização de recursos; b) para o desenvolvimento das forças produtivas e o aumento da produtividade do trabalho; c) para a emergência da força da opinião pública com vistas no novo “contrato social” que organiza as relações entre o governo e os governados; d) para o estabelecimento de poderes políticos centralizados assim como o desenvolvimento de identidades nacionais; e e) para a difusão dos direitos

de participação política, das formas de vida urbana e da educação formal, bem como a secularização de valores e normas.

Nos seus primórdios, a modernidade esteve ligada ao Iluminismo e, em sentido amplo, também à difusão das ideias produzidas pela Revolução Francesa. O escrito de Nicolás Condorcet, *Esboço de uma História do Progresso do Espírito Humano*, de 1794, deu conta daquela experiência transformadora que combinou a ideia de progresso associada à necessidade de uma nova filosofia.

Esse ideal de modernidade esteve associado ao progresso humano que, no final do século XIX, se tornou enfático e se vinculou as seguintes questões, como: a) a procura de leis das Ciências Sociais; b) ao racismo; c) ao ressurgimento das ideologias da aristocracia; d) ao fortalecimento da ideia de progresso econômico; e) a modernização como aspiração social e política; ef) a difusão da ordem regulamentada de instituições; g) ao surgimento e criação de instituições, a difusão da moralidade baseada na família nuclear, na repressão, no sigilo e no esquecimento (Mayer, 1986); e h) a ênfase sobre as questões subjetivas como a desvalorização dos fracos (Nietzsche, 2001); o desencanto do mundo (Weber, 1921) e a angústia.

Com o desenvolvimento da civilização, a modernidade se tornou um conceito abrangente por se constituir em um projeto ideal na perspectiva das aspirações humanas e universais. Para tanto, necessitou do desenvolvimento da racionalidade e da objetividade tanto nas questões sobre a organização do estado-nação. Essas construções representavam a estruturização dos pensamentos, sentimentos e fazeres do sujeito e sua socialização (Berger; Luckmann, 2003).

Esse ideário visava o domínio da natureza humana, mas necessitava do desvio das forças instintuais para a pulsão de acordo com Freud (1996). Incluímos a isso, o controle pelo humano dos fenômenos naturais para que a terra pudesse ser explorada, domesticada e, portanto, habitada. Tudo isso traria, como consequência, a mudança de mentalidade e de representações do sujeito moderno que, por sua vez, ocasionaria em nova organização de tempo e espaço, diferente do mundo pré-moderno (Bilbao Aristimuño, 1997).

Segundo as pesquisadoras Nascimento e Rodrigues (2018), o progresso da civilização subsidiou o projeto modernidade juntamente com a disseminação do capitalismo. As expectativas para resolver os enigmas da condição humana fizeram com que estudiosos buscassem a verdade universal, absoluta. Berman (1986) considera que o desejo de uma vida plena na modernidade foi substituído por concepções absolutas.

Em síntese, o ideário iluminista não conseguiu realizar as aspirações humanas de liberdade e felicidade. Nascimento e Rodrigues (2018), em seus estudos observam que a conquista da razão, como princípio da liberdade do autoconhecimento humano e do mundo, destruiu tradições que até certo ponto impediam o crescimento e aprimora-

mento humano. Porém, esse projeto não conseguiu conquistar a liberdade em direção às propostas iluministas.

Para Nascimento e Rodrigues (2018), a modernidade foi alvo de críticas de intelectuais frankfurtianos (Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamin) sobre a cultura que ela instituiu. Tal cultura da era moderna, mesmo com os avanços da inventividade humana, não conseguiu libertar a civilização da ditadura da produção, da alienação do sujeito e do desencantamento do mundo. Significa que o processo de intelectualização – onde a razão estava acima de tudo – não conseguiu fornecer respostas aos mistérios da humanidade.

Agora, nesse ponto nos perguntamos como pensar o pós-moderno? Podemos considerar como uma continuidade da era Moderna ou como um momento diferenciado da modernidade?

Não há um consenso entre os autores sobre essas denominações, visto que o pós-modernismo para alguns autores ou pós-modernidade para outros, é representado como tempo histórico diferenciado da era moderna.

A pós-modernidade surgiu após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), precisamente em 1945, mas foi apenas em 1960 que começou seu processo de expansão pelos diversos setores sociais.

Para Giddens (2006), a pós-modernidade representou um período de transição da modernidade rumo ao novo, ou seja, “[...] um período de nítida disparidade do passado”. Um período em que “[...] nada pode ser conhecido com alguma certeza [...]” (Giddens, 2006, p. 52).

Para esse autor, o pós-moderno se destaca por uma época histórica, que ainda segue em curso, e se caracteriza por mudanças sócio-político-cultural, pela a desconstrução de valores ambivalentes introduzidos pela modernidade, tais como: Deus, Ser, Razão, Consciência, Produção, Estado, Revolução, Família etc. Incluímos também a expansão dos meios de comunicações, da indústria cultural, bem como do sistema capitalista (lei de mercado e consumo) e da globalização.

A pós-modernidade questiona a existência de uma história comum que possa, no âmbito do conhecimento, encontrar uma verdade que seja universal e absoluta. Bauman (1998) ressalta que na pós-modernidade a fluidez e a liquidez promove a efemeridade dos acontecimentos e das relações interpessoais.

Em resumo, o movimento pós-moderno tem como características a saber: a ausência de valores e regras, a imprecisão, o individualismo, a mistura do real e do imaginário (hiper-real), a produção em série, a espontaneidade e a liberdade de expressão.

Entendemos o pós-modernismo como uma junção de várias tendências. Essas tendências até hoje encontram seus lugares nas artes (plásticas, arquitetura, literatura), filosofia, política e no âmbito social.

O estudioso Harvey (2004) registra que a pós-modernidade, sobretudo a partir dos anos sessenta, traz o descarte como uma de suas marcas e isso significa:

[...] mais do que jogar fora bens produzidos (criando um monumental problema sobre o que fazer com o lixo); significa também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares pessoas e modos adquiridos de agir e ser (Harvey, 2004, p. 258).

Consideramos que esses e outros avanços da era pós-moderna conseguiram transformar formas de pensar, sentir e fazer de sujeitos e respectivos coletivos. Contudo, essas e outras transformações não edificaram novos valores nos quais os princípios humanos, como respeito, solidariedade, igualdade, dentre outros se constituíssem pilares para a civilização pós-moderna. Ao invés disso, tanto o consumo quanto à aquisição dos bens materiais se tornou sinônimos de valor para o sujeito da pós-modernidade. Dessa forma, a aquisição de bens materiais e o consumo exagerado se constituiu, mesmo sendo ilusório, como mecanismos nos quais os sujeitos poderiam obter a felicidade e consequentemente o prazer.

A vida do sujeito pós-moderno virou de ‘ponta a cabeça’, pois ele é bombardeado de informações e propagandas que prometem a sua realização e, por conseguinte a felicidade. Sem tempo para refletir, ele submete a sua vida aos ditames das redes sociais e as demandas do que lhe traz a permanente juventude. Isto faz com que ele cada vez mais volte para o espelho a procura de uma imagem que lhe dê prazer aqui e agora.

Guy Debord (1997), o criador do conceito de “sociedade do espetáculo”, afirma que na sociedade contemporânea e pós-moderna, o espetáculo versa sobre um conjunto de relações, cujos mediadores são as imagens. Esse tipo de sociedade se mantém quando existem conexões entre o processo de acúmulo de capital e o processo de acúmulo de imagens, domínio e poder de uma classe social.

Em síntese, a sociedade do espetáculo, de acordo com esse teórico, só pode ser compreendida com base na estrutura capitalista que temos em nossa sociedade. Isso nos leva a destacar que nessa estrutura, a vida privada é exposta como espetáculo. Não podemos esquecer que as redes sociais e as novas tecnologias de comunicação contribuem para isso.

Esse passeio pela era moderna e pela pós-modernidade nos fornece elementos para pensar sobre o chão e a atmosfera que, mobilizaram a construção de grupos sociais como o da juventude, assim como os demais para pensá-los é fundamental considerarmos a

construção psicossocial que atravessou cada grupo, resguardadas as diferentes interações e interpretações que esses grupos e subgrupos fizeram.

Esse aspecto confirma e sinaliza que ao nos ‘debruçarmos’ sobre o estudo histórico comparado entre as juventudes brasileiras e as argentinas, fica claro para nós, que a esteira histórica nos proporciona narrativas que contemplam somente parte dessas juventudes enquanto a outra parte silenciada, não menos importante, comparece distribuída em outras camadas socioculturais. Essa sinalização deve ser pensada por nós pesquisadores para que tenhamos cuidado de não substituímos o todo pela parte.

A primeira metade dos novecentos foi marcada pelas grandes guerras, período bastante significativo para os adolescentes e jovens. Antes das duas guerras mundiais, segundo Groppo (2000), a literatura considerava a indolência, a indisciplina e a preguiça como característica do adolescente, mas nos anos seguintes, foi considerada a importância do seu trabalho para os padrões conservadores da sociedade.

Nesse mesmo período, surge uma nova cultura juvenil – mobilizada pela industrialização – que passa a editar estilos de vida, onde o lazer, o vestuário e a música passam a fazer parte das expressões e comportamentos juvenis. A nova cultura da juventude apaga “[...] as diferenças sociais, demográficas e sexuais em torno dos quais grupos juvenis se estruturaram [...] para dar lugar a gosto e comportamentos comuns e a intensas redes de solidariedade entre eles [...]” (Guimarães, 1995, p. 20).

Nascimento (2002), em seus estudos, observa que por um lado, a cultura de massa³ emerge para revitalizar e motivar os jovens melancólicos pós 2ª guerra mundial. Por outro, segundo o pensamento de Morin (1997), essa cultura além de modelar o comportamento do jovem, silencia suas reflexões críticas sobre as desigualdades que marcam os contextos sociais nos quais as juventudes são vividas.

O aspecto que caracteriza a cultura jovem na pós-modernidade até a contemporaneidade é o ser jovem. Essa condição mobiliza até os dias atuais coletivos, as mais diversas faixas etárias para esse fim. Seja no rejuvenescimento, até os modismos que se apresentam dia após dia, cada vez mais sutis em suas apelações. A permanência e a busca desenfreada pela juventude ocasionaram o aprisionamento nas cadeias de imagens e sentidos desse vasto campo representacional juvenil, onde a mídia é mantenedora.

A cultura juvenil tem outros dois sentidos a saber: ora é entendida como subcultura por pertencer a uma cultura maior, ou seja, a cultura de massas; e ora é entendida como contracultura por assumir posições contrárias para contestar regras e valores, dentre outras questões vigentes na sociedade.

³ É um modelo de produção industrializada, artística e cultural e se caracteriza por ser reproduzida em larga escala e voltada para o entretenimento e comercialização (Nascimento, 2002).

2 A juventude como categoria social e as manifestações das culturas juvenis

Levi e Schmitt (1996) perguntam se a juventude é um período de vida ou um estado permanente; ou ainda um período de submissão a vontade e a aprovação dos mais velhos. Consideramos essas indagações muito mais como provocações para pensarmos sobre os vários sentidos que a expressão juventude incorpora ao longo da história humana, ou seja, a juventude, como: período de vida, condição existencial, comportamento imaturo etc.

Nesse sentido, entendemos que a ideia de juventude enquanto grupo social só foi considerada a partir da modernidade. Desse modo, a caracterização de juventude passou a ser pensada a partir dos seguintes aspectos, como: idade, sexo, moradia, estudo, dentre outros aspectos socioculturais, segundo Margulis e Urresti (1996). Esses aspectos serviram de parâmetros para a classificação social em muitas sociedades, ou seja, eles eram definidores de juventude. Aproximadamente entre os séculos XV e XVI, não havia uma diferenciação clara entre infância e a juventude até porque existia uma indiferenciação entre a denominação de “criança” e jovem, pelo fato de as duas nomeações se tratarem de menores sem responsabilidade por suas próprias condutas.

A partir dos debates de estudiosos sobre a infância e a juventude existiu a preocupação sobre o início e o término das fases do desenvolvimento humano, pois o que caracterizava o início e o fim de uma fase eram os papéis e as funções que esses sujeitos assumiam em suas vidas, como: a saída da casa da família de origem, a união e/ou casamento e a instituição da sua família.

Os últimos estudos do ano de 2022 apontam que temos no Brasil 4,9% das crianças e adolescentes na faixa etária de 5 e 17 anos de idade que se encontram em situação de trabalho infantil, o que equivale a cerca de 1,9 milhões de pessoas. Vale destacar que a maior parte são pardos e negros o que evidencia que o Brasil, além de não superar a marca histórica sobre o trabalho infantil, ainda não superou, nessa esteira do tempo, as marcas das perversidades do racismo.

Consideramos que a falta de definição – no passado – sobre o período do desenvolvimento tanto da infância quanto da juventude fez com que em algumas sociedades tenhamos a dificuldade delimitar as responsabilidades desses períodos. Os impactos dessa indefinição são comportamentos de jovens ditos marginais, que desconhecem as regras sociais assim como às da família, da escola e dos demais segmentos sociais (Ariès, 1981).

A solução para esses comportamentos seria tratar a juventude com rigidez para que os transtornos causadores dos comportamentos “desviantes” fossem eliminados e o/a jovem não mais contestasse a ordem social determinada de sua época.

O século XVIII representou um marco para mudanças na forma de pensar a juventude, uma vez que a relação entre a juventude e a sociedade passa a ser objeto de

discussão. A educação passou a ter a função de disciplinar, além do ensino de conteúdos científicos importantes.

A responsabilidade da escola foi a de manter a ordem e ensinar os princípios e as regras baseadas na Europa – que formavam a cultura universal – consideradas de alto nível e, por isso, importantes para a sociedade. A cultura europeia imprimia sinal de progresso na modernidade e desse modo era transmitida permanentemente aos jovens (Bauman, 1998).

Contudo, nem a educação, de maneira geral, nem a escola e nem a igreja com sua doutrinação conseguiu conter as revoltas e os conflitos da juventude para com a desobediência as regras e as normas estabelecidas em curso nessa era. Esses confrontos por parte dos jovens perduraram na era moderna e eram compreendidos como característicos dos transtornos da juventude, ou seja, a adolescência, assim como a juventude eram vistas como problemáticas.

É importante acrescentarmos que havia uma generalização dessa explicação para todo e qualquer jovem que apresentasse comportamentos fora dos padrões vigentes da época. Isso fez com que existisse a universalidade sobre a juventude qual seja: a de que todos passam pelo mesmo processo sem considerar a diversidade social – contextos socioculturais – onde esses jovens vivem suas experiências, dentre outros.

A partir dos avanços de estudos nos diversos campos de interesse – como a sociologia, a psicologia etc. – sobre o desenvolvimento humano e respectivas aprendizagens é que tanto a criança, quanto a adolescência e a juventude se diferenciaram (Nascimento, 2002).

Esse movimento delimitou o marco inicial e final para cada fase do desenvolvimento em função de suas especificidades, experiências de vida, maturação orgânica, contexto sociocultural, muito embora essas fases permaneçam interligadas umas às outras. Implica em observarmos os processos que se encontram, presentes em cada uma dessas fases.

Esses avanços e transformações nas concepções sobre as fases do desenvolvimento se expandiram para o campo da educação o que resultou em novas concepções sobre a criança, o adolescente, e o jovem, além da utilização de novas pedagogias e metodologias específicas para a aprendizagens em cada uma dessas fases. Dessa forma, a juventude passa a ser “[...] uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres [...]” (Groppo, 2000, p 11).

Podemos considerar que juventude existente na era moderna tinha como representações sociais a composição de imagens ideativas e sentidos, ancorados nos seguintes aspectos em destaque: a delinquência para os comportamentos da juventude transgressores da ordem estabelecida e de irresponsabilidade; no viver a vida com liberdade sem considerar as regras e os valores estabelecidos o que para tanto a transgressão era necessária;

a rua assim como as festas eram os palcos preferidos das ações marginais desses jovens pois fugiam da vigilância da família.

Desse modo, o modelo médico patológico contribuiu com as representações sociais que incidiam sobre a doença mental, ou seja, a doença da mente ou desestrutura de jovens. É importante observarmos que o tratamento da doença mental teve seus avanços a partir do século XX e que, portanto, conforme mencionamos, a paciência era necessária para que na fase adulta o sujeito pudesse se reestruturar.

Ressaltamos que os princípios do higienismo, nesse tempo histórico da modernidade, funcionavam como segurança para uma vida sem doenças tanto orgânicas quanto do corpo e da alma. O cuidado com a higiene, a educação e a alimentação deveriam seguir determinados protocolos para garantir uma juventude com conflitos menores.

Temos, portanto, que entre os fatores que favoreceram o desenvolvimento da juventude, como a faixa etária claramente definida, se destacam os seguintes: a) a regulação do acesso ao mercado de trabalho e das condições de trabalho de crianças e adolescentes; b) o estabelecimento de um período de escolaridade obrigatória que, por sua vez, se ampliou ao longo do tempo e se tornou cada vez mais importante para garantir o acesso ao trabalho e a manutenção do estatuto social; e c) a criação de “exércitos nacionais” por meio do serviço militar obrigatório; ou a regulamentação do direito de voto.

Esses processos separaram os jovens da economia tradicional e familiar e da sua dependência das leis sucessórias, ao mesmo tempo que distinguiram – por meio da idade – as crianças dos adultos capazes de trabalhar ou de fazer uma escolha política consciente. Embora algumas dessas instituições – como o exército ou a escola – não fossem novas, a sua extensão abrangia todos os estratos sociais. Portanto, muitas das “marcas” das fronteiras contemporâneas entre crianças, jovens e adultos não existiam e se organizaram a partir da modernidade.

Observamos que a extensão da idade de dependência ao longo da história se encontrava vinculada a estrutura social. Por exemplo: as classes alta e média não mantinham as mesmas delimitações de juventude para as mulheres e para os jovens da classe trabalhadora.

Alguns investigadores consideram que a juventude foi “imposta” à classe trabalhadora, por meio de reformatórios e instituição de ações filantrópicas de classe média. Essas instituições tinham como prioridade educar aqueles jovens com comportamentos delinquentes com o objetivo de formar trabalhadores “respeitáveis e conformistas”.

Para além dessas diferenças em função do pertencimento de classe social dessas juventudes, observamos o surgimento de uma cultura jovem que alimentou a dinâmica social, cultural e política da sociedade. Com efeito, após o fim da Segunda Guerra Mundial, os países ocidentais foram palco de um período de desenvolvimento que Eric Hobsbawm

(2002) caracterizou como “os anos dourados”, onde se espalhou uma forma idealizada de conceber e habitar o mundo, o chamado “modo de vida americano”.

Esse estilo de vida implicava um certo paradoxo porque, por um lado, exaltava o consumo de bens (dos alimentos embalados à televisão), produtos culturais (cinema, música e programação televisiva), considerados emblemáticos da modernidade; enquanto, por outro, promovia atitudes em torno da política, da família e da sexualidade que visavam à conservação de práticas e crenças “tradicionais”, assim como a autoridade indiscutível dos pais sobre os filhos, dos maridos sobre as esposas. Incluímos a esse movimento o determinismo sobre a vida doméstica das mulheres e a atribuição do individual sobre os problemas sociais.

Por sua vez, o grupo político de direita, daqueles anos, percebeu a forte ameaça das ideias marxistas, ou da infiltração de agentes soviéticos e cubanos. Esses grupos poderiam subverter a ordem pública e acabar com valores preciosos para a sociedade, como a família, a religião e a propriedade privada. O discurso de direita favoreceu o desenvolvimento de controle e supervisão social, centrados especialmente na população jovem. Esse movimento foi utilizado pelos Estados Unidos como forma de defender o “mundo livre”. A exemplo, temos a intervenção dos EUA nas guerras da Coreia (1950-1953) e do Vietnã (1965 - 1975).

Esse contexto foi também marcado por um notável crescimento demográfico, o que significou um grande percentual de crianças e jovens entre 1946 a 1964, ao ponto de serem conhecidos como a geração *baby boomer*.

No início, era a geração *beat* (bater) – movimento cultural, artístico e social que surgiu nos Estados Unidos no final dos anos 1950 e início dos anos 1960 – que se revoltou contra a cultura da civilização, onde o dinheiro era única coisa com a qual alguém se importava.

A continuidade desse clima questionador tomou caminhos, modos e perspectivas, atravessado por paixões e polêmicas. Especialmente a juventude tomava para si as missões de acordo com as expressões, como: “Eu tenho um sonho”, “O voto ou a bala” e “Debaixo do asfalto está a praia”. Assim, os movimentos que exigiam uma outra forma de viver, uma nova escala de valores, começaram a se definir. O hippieismo, o feminismo, os ambientalistas, os movimentos em favor dos direitos da negritude, as identidades formadas na diversidade sexual e a burguesia universitária tinham algo a dizer e, para isso, definiam ações, *habitus*, estética e até uma linguagem nova, assim como a poética e a música.

Na música em 1955, a melodia *Rock Around The Clock*, de Bill Haley & His Comets, dava origem ao *rock and roll*. Esse é um estilo musical para uma nova geração e Elvis Presley imprimiu seu estilo e sensualidade. Em 1962, os Beatles deixaram o clube The Cavern em Liverpool e, em 1964, chegaram aos Estados Unidos. Chubby Checker com sua música

The Twist anunciou um novo estilo de dança, marcado pelo individualismo porque poderia ser dançado sem parceiro.

O movimento hippie ganhou força em São Francisco – o Verão do Amor de 1967 – com seu mantra de não-violência se articulou com a luta contra a segregação liderada por King e Malcolm X, com os protestos contra a intervenção dos EUA no Vietnã ou a sua interferência política nos “países do Sul”.

Os anos sessenta foram também os anos da segunda onda do feminismo e do *slogan* “o pessoal é político”. O aparecimento do “segundo sexo” de Simone de Beauvoir, em 1949, teve um grande impacto e foi na década de 60 que o movimento se manifestou contra a desigualdade e os preconceitos não oficial (de fato), sobre a sexualidade, a família, o local de trabalho e os direitos de reprodução. As manifestações desses grupos estiveram associadas a outros movimentos, como o dos estudantes universitários contra a Guerra do Vietnã, as manifestações contra a censura à liberdade de expressão, aos movimentos estudantis europeus; aos grupos que promoveram a visualização *gay* de *Stonewall* (1968)⁴, cuja repressão deu origem ao dia do orgulho *gay*.

*Flower power*⁵, um *slogan* usado durante o final dos anos 1960 e início dos anos 1970 se transformou em um símbolo pacifista e de não-violência, utilizado pelo movimento de contracultura americano. Esse movimento se enraizou como oposição na Guerra do Vietnã. Os hippies abraçaram o pacifismo ao usarem flores bordadas e flores de cores vibrantes nos cabelos. O termo mais tarde se difundiu como uma referência moderna ao movimento *Hippie* e a uma cultura do corpo, da medicina, da música e da arte psicodélica. A sua maior influência se concentrou nos seguintes aspectos, considerados revolucionários: costumes, conceito de sexualidade, expressão dos afetos, perspectivas de masculinidade e feminilidade, gozo como objetivo da vida bem como a espiritualidade e a harmonia com a natureza (Nuñez Florêncio, 1993).

Em 1967, o primeiro grande festival de música pop ao ar livre (*Woodstock*) foi realizado nos EUA. A sua poderosa combinação de cultura jovem, contracultura, massividade e ruptura estética marcaram um dos pontos altos do que significaram os anos 60.

Todos esses movimentos questionaram as regras e os valores sociais, assim como a estrutura política capitalista. O desejo de transformar o mundo se fez muito forte por esses grupos, tal como a esperança de que o amor e a paz prevalecesse como únicos fundamentos para a vida e para as relações (Giddens, 2006; Beck; Beck-Gernsheim, 2001).

⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48432563>. Acesso em: 15 set. 2024.

⁵ A expressão foi cunhada pelo poeta Beat Alen Ginsberg em 1965 como “o meio de transformar protestos de guerra em espetáculos afirmativos pacíficos”. Disponível em: <https://www.floreseflores.com.br/flower-power-o-poder-das-flores-na-filosofia-hippie-nos-anos-60-e-70/>. Acesso em: 15 set. 2024.

Autores, como Isabella Cosse (2019), registraram que mesmo com as transformações em curso, os desafios ao paradigma sexual instituído são inegáveis na medida em que a estrutura social manteve como normatividade o padrão heterossexual. Obviamente, isso não implicou em ignorar os sinais da modernidade e das diversas manifestações de cada realidade local ou regional.

3 As experiências das culturas juvenis na América Latina: brasileiros e argentinos numa perspectiva de longo prazo

Como apontam Hall e Jefersson (2014, p. 55), é necessário desconstruir o termo “cultura jovem” que normalmente é utilizado. Os autores propõem como imagem mais precisa, a emergência de vários tipos de subcultura juvenil e a sua relação com as culturas de classe e com a hegemonia cultural (sobre como esta se mantém estrutural e historicamente).

Pensar as culturas juvenis implica em atentar para a forma como as experiências sociais dessas “microsociedades juvenis” se expressam coletivamente, seus estilos de vida distintos das “instituições adultas”. Essas culturas juvenis se configuraram nos países ocidentais, após a Segunda Guerra Mundial e inegavelmente se caracterizaram por terem espaços, tempos e lógicas específicas.

Como afirma Olga Echeverría (2020 *apud* Hall; Jefersson, 2014), essas culturas juvenis são atravessadas estrutura social e respectivos contextos de sua época. Além disso, essas culturas expressam também a contracultura por meio de ideias únicas que se contrapõe a cultura hegemônica (Echeverría, 2020 *apud* Hall; Jefersson, 2014, p. 183).

As culturas juvenis, na América Latina, têm características próprias, imersas nos problemas sociais, políticos, econômicos, além de transpassadas por culturais típicas de cada realidade social. Isso nos faz perguntar sobre o que aconteceu com essas culturas juvenis na América Latina, particularmente, no Brasil e na Argentina?

Quando se trata de abordar essas condições particulares desses países, Brasil e Argentina, constatamos que a história de ambos se marcou pelas relações coloniais. Estas se estabeleceram desde a conquista desses territórios que aos olhos do colonizador foram representados como países periféricos, de pouco valor, no conceito da ordem mundial capitalista. Uma relação de poder que faz com que tanto o Brasil quanto à Argentina sejam subordinados a países que representam modelos de alto nível desenvolvimento, a ordem mundial.

Dessa forma, crianças e jovens brasileiros e argentinos permaneceram numa relação de subalternidade em relação às crianças e jovens dos países considerados desenvolvidos. A subalternidade cultural, econômica, geopolítica, étnica e de gênero, além da idade,

marcaram e ainda marcam as condições de existência da maioria de crianças e jovens latino-americanos.

Assim, ao estudar a juventude “a partir da nossa própria realidade”, ou seja, da América Latina, não podemos esquecer de considerar que a matriz cultural da americanidade é atravessada por uma interseccionalidade de etnia, gênero, classe e territorialidade (urbana e rural). Logo, desvelar a especificidade da juventude que vive na América Latina nos leva a questionar sobre seus pensamentos, sentimentos e ações que, por sua vez, são frequentemente representados pela desvalorização (Abdala, 2002).

Uma vez que abordamos alguns movimentos juvenis de destaque na história mundial, passaremos a abordar os movimentos juvenis específicos e que foram destaques no Brasil e na Argentina. Vale destacarmos que uma narrativa de cunho comparativo entre dois ou mais países com recorte em suas culturas juvenis é feita de idas e vindas em sua narração e, portanto, se reveste de complexidade, costuras e articulações que nos conduzem a revisitação bibliográfica e respectivos interlocutores com os quais aprendemos a dialogar no decorrer da narrativa literária. Sem dúvida que algumas frestas restarão como um convite para as pesquisadoras continuarem em um outro momento, com outros olhares, lógicas e descobertas que proporcionem maior precisão.

Situamos os grupos juvenis que, a partir dos anos sessenta, no Brasil, representaram um período de grande instabilidade e agitação na política do país. O descrédito quanto à política no Brasil se instalou com a decepção do povo e se tornou cada vez mais acirrada e permanente em meio às crises sucessivas daqueles governos que implicaram na alta inflação, na desindustrialização acelerada, no desemprego, no aumento do custo de vida, entre outras.

Dentre os movimentos que representaram a insatisfação e a agitação da população em destaque, foram: o movimento operário, cuja luta sindical evidenciou o fortalecimento nas reivindicações políticas e salariais; o movimento da zona rural, cuja luta repercutiu em todo o território nacional; e o movimento da Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas com a discussão sobre a reforma agrária (Brandão; Duarte, 1990).

Os estudantes e intelectuais se engajaram na política e nas atividades culturais para apoiar a luta pelas transformações sociais. Outro movimento ligado a União Nacional dos Estudantes (UNE) foi o Centro Popular de Cultura (CPC). Esse movimento surgiu no Rio de Janeiro e São Paulo e se disseminou por todo o país para convocar a juventude estudantil em suas respectivas regiões em ‘prol’ da construção de uma cultura “nacional, popular e democrática” de esquerda (Brandão; Duarte, 1990, p. 61). Vale destacarmos que a categoria estudante foi a que deu à juventude dessa década, a maior representatividade.

Podemos notar, que tanto nessa década como na de setenta, de acordo com a avaliação de Abramo (1997), a juventude adquiriu:

[...] maior visibilidade, exatamente pelo engajamento de jovens de classe média, do ensino secundário e universitário, na luta contra o regime autoritário, através de mobilizações de entidades estudantis e do engajamento nos partidos de esquerda; mas também pelos movimentos culturais que questionavam os padrões de comportamento – sexuais, morais, na relação com a propriedade e o consumo (Abramo, 1997, p. 31).

Um evento em destaque que não poderíamos esquecer, ocorreu no dia 31 de março de 1964 com “[...] o golpe militar de 64 liderado pelo general Humberto de Alencar Castello Branco (1964-1967) que assumiu a presidência da República [...]” (Brandão; Duarte, 1990, p. 63). A partir do Golpe de 64, um longo período de ditadura militar se instalou para realinhar e modernizar o país com o capitalismo burguês. Nesse período, a população viveu intensas manifestações contra a repressão pelas forças armadas, as prisões e as torturas, os assassinatos e o desaparecimento dos opositores nos quartéis. Dentre as bandeiras de luta desses movimentos, evidenciamos a liberdade de pensamento e das políticas públicas para atender as reivindicações da população em geral.

A decretação do Ato Institucional n.º 5 (AI-5)⁶ e o encerramento do Congresso Nacional, em 68, recrudescer as perseguições políticas, cassações de mandatos, prisões, torturas, mortes e exílios para silenciar a crise que se instalou em todos os setores sociais do país.

Tanto na década de 60 quanto na de 70, o país viveu um dos períodos mais intensos na produção intelectual e cultural. Essas produções instituíram novas formas de representações e de estilos de vida. Além disso, representaram fortes canais de desabafo, denúncia e disseminação de ideologias contrárias àquelas que vigoravam no país, uma vez que a repressão de pensamento e de expressão contrária aos interesses dos opressores se fazia ativa.

As músicas, cujas letras eram de protesto foram acolhidas entre os intelectuais e os estudantes como hinos para seus movimentos. A mídia, naquela época, muito embora seduzisse de todas as formas para manter a fidelidade do público jovem as suas chamadas de consumo, não conseguiu abafar os movimentos contraculturais dissidentes, engajados na luta pelas transformações sociais (Nascimento, 2002).

Consideramos pertinente fazer a seguinte observação qual seja: a de que ao largo dos acontecimentos e da caracterização dos grupos geracionais de jovens, registrados pela literatura, existiram outros acontecimentos e grupos geracionais de jovens com características diferentes. Muito embora não tenham sido destacados, como representativos de suas épocas, porém, participaram da história como também se fizeram a partir desta.

⁶ O AI-5 dava ao presidente da República maiores poderes e suspendia o direito de *habeas corpus* (a garantia constitucional à liberdade de uma pessoa, enquanto responde um processo criminal) nos casos de infração a Lei de Segurança Nacional (LSN) (Brandão; Duarte, 1990, p. 75).

Na esteira dos intelectuais no campo da educação no Brasil destacamos o professor pernambucano Paulo Freire (2018) que até hoje representa grande referência para a educação transformadora da consciência do oprimido a partir da criação do método de alfabetização, cujas bases residem no processo de consciência crítica da população oprimida concomitante à aquisição da leitura e da escrita.

Em resumo, a juventude dos anos 60 e dos anos 70 de jovens tiveram tênues diferenças que, em alguns registros, se diluíram. Possivelmente, uma característica que diferenciou a geração da década de setenta foi o silêncio, que as marcas da ditadura, vivida desde o golpe de 64, imprimiu nessa juventude, segundo Nascimento (2002).

No caso da Argentina, as décadas de sessenta e setenta foram marcadas pela proibição do peronismo, pela tolerância do governo desenvolvimentista de Arturo Frondizi (1958-1962), pelo interregno de Guido, pelo governo do radical Arturo Illia (1963-1966) e as ditaduras militares até 1973. Uma combinação de fatores que geraram a luta armada.

Segundo Manzano (2017), podemos dizer que a juventude do país surgiu como um movimento cultural nos últimos anos da segunda presidência de Perón, quando se deu o crescimento das matrículas nas escolas secundárias e universidades, bem como uma atividade juvenil promovida pelo Estado – no caso da União dos Estudantes Secundários (UES), criada em 1953.

Esse surgimento de culturas juvenis vai desde movimentos de guerrilha (tanto de esquerda quanto de extrema direita), até a presença de jovens que encontraram na música uma forma de expressar a revolta a partir da utilização de figuras icônicas, como Tanguito, Moris ou Lito Nebia e o seu grupo “*Los Gatos*” que propôs a fuga de um mundo cruel com sua canção *La Balsa*.

Nesses anos 60 e 70, a cultura musical se modernizou, com músicas cativantes e ídolos juvenis como Palito Ortega, Jony Tedesco, a sensualidade de Sandro ou Leonardo Favio⁷.

Na “Era” dos anos sessenta e setenta, a Argentina saiu do consumismo para a rebelião, e da rebelião para a revolução. O autoritarismo cultural e político imposto pelo golpe de 1955, a chamada Revolução Libertadora contra o Peronismo, deu origem ao desenvolvimento de uma cultura juvenil rebelde heterogênea, multidimensional e radicalizada que

⁷ Leonardo Favio foi um ator e cantor melódico que transcendeu as fronteiras da Argentina com sua fama. Porém, declarou publicamente que tinha interesse em ganhar dinheiro com sua música para investir em sua verdadeira paixão: o cinema. Seus filmes são reconhecidos como expressão daquele movimento cinematográfico dos anos sessenta e setenta que renovaram as produções na Argentina. Seus dois de seus filmes mais aclamados foram: *Crônica de uma Criança Solo* e *O Romance de Aniceto e Francisca*. Foram anos de novas propostas audiovisuais que privilegiaram a “marca autor”(Di Salvo-Lionetti, no prelo).

atingiu seu auge na década de 1970, como afirma Manzano (2017)⁸. Mas havia também os “outros jovens”, nas palavras de Favero (2016), que se calavam, não participavam de partidos políticos nem de grupos armados. Esses jovens se colocavam entre o novo e o tradicional, entravam no mercado de trabalho ao terminarem seus estudos do Ensino Médio.⁹

A década de 60, como explica Pujol (2002), testemunhou um *boom* editorial sem precedentes, com a proliferação de revistas, publicações especializadas e editoras. Novas ideias e gêneros literários foram difundidos em diversas camadas sociais, entre as quais se destacaram especialmente a juventude.

O aparecimento na televisão de programas juvenis como o *Club del Clan* (como expressão daquela música leve e moderna), os movimentos musicais como *La Cueva* e o incipiente *rock* nacional com mensagem própria, geraram uma juventude da cultura de massa que desencadeou disputa pela definição de gosto, especialmente em torno de ídolos musicais.

A tensão daqueles anos variou desde reações menos efervescentes até aquelas que optaram pela saída armada. Como Oscar Terán soube expressar de forma sugestiva, estes anos foram atravessados pela “alma Che e pela alma Lennon” (Terán, 1994). No entanto, desde o golpe militar de Onganía em 1966 até ao regresso da democracia em 1973, floresceu uma vasta cultura jovem questionadora que soube expressar-se por meio de movimentos estudantis, partidários e guerrilheiros.

Na verdade, as universidades do período 1956-1966 criaram as condições de possibilidade para um “estudante revolucionário”, que se tornou mais presente no final dos anos sessenta e início dos anos setenta. As condições políticas fomentaram a socialização política clandestina e, especialmente, o peronismo nos seus aspectos mais transformadores. A atração carismática da revolução cubana e o enfoque guevarista e os efeitos dos movimentos estudantis juvenis do Maio francês alimentaram a presença da juventude nas ruas.

⁸ Por sua vez, Pujol (2002) sustenta que a queda do peronismo não significou uma ruptura cultural retumbante. A identidade peronista permaneceu forte apesar das diversas proibições. Mas as Universidades mudaram e adotaram uma atitude de atualização e modernização. Havia então dois níveis. Por um lado, a cultura popular que seguiu os mesmos caminhos das décadas anteriores. Por outro lado, os intelectuais que procuravam um novo rumo cultural para a sociedade. Aos poucos foram surgindo diversos sintomas de renovação, cujo impacto foi decisivo na próxima década.

⁹ Há o entendimento que este ator social “[...] procurou impor o novo mas também defendeu o tradicional, procurou revolucionar alguns costumes mas também manteve outros. Jovens que leram Rodolfo Walsh mas também Julio Cortázar, Jorge Luis Borges ou Leopoldo Marechal, que ouviram Elvis Presley, Bill Haley, Osvaldo Pugliese ou Astor Piazzolla, passaram a usar mais *jeans* e menos gel, e ainda mantiveram a cultura do bolero mas eles já estavam começando a ouvir *rock*. Que, apesar do nascimento da televisão, mantinham o hábito de ouvir rádio e de ir ao cinema, embora o gosto por Hollywood tenha dado lugar ao cinema francês e italiano daqueles anos: “a imaginação de muitos jovens era moldada por novelas, como “Sobre heróis e túmulos”, de Ernesto Sábato, mas também com as zambas de Cuchi Leguizamón, o último álbum dos Beatles, a banda desenhada “El Eternauta” e, em doses diárias, tiras como “Mafalda” de Quino ou as vinhetas humorísticas de Landrú” (Favero, 2016).

Um movimento paradigmático como “El Cordobazo” em 1969, levou a uma aliança nas ruas da capital de uma província do interior do país entre o movimento operário e o movimento estudantil universitário e secundário.¹⁰

Esse “corpo jovem” passou pela militância, pela moda, pelos hábitos sexuais, pela independência das mulheres jovens, pelas reivindicações feministas. Constatamos a presença das primeiras organizações de defesa de *gays* e lésbicas que, embora não tivessem conseguido encontrar muito eco dentro do tecido político da época, foram fundamentais para os movimentos das décadas de 1990 e 2000. Na ação militante “o corpo jovem foi colocado” na esfera pública, como afirma Manzano (2017).

Os militantes revolucionários produziram um corpo resistente, concebido como jovem e – em geral – masculino. Mas os jovens que abraçaram a política revolucionária não foram os únicos que “disciplinaram” os seus corpos para se conformarem a um ideal: eles partilharam esse impulso disciplinar com as suas colegas de geração que incorporaram a prática de fazer dieta para perder peso, a fim de caber nos sapatos, jeans ajustados¹¹ (Manzano, p.14, 2017).

Por volta dos anos 1967 e 1974, a luta armada foi uma das expressões dessas culturas juvenis. Surgiram grupos guerrilheiros como o Montoneros, filiado ao peronismo surgido na década de 1970 durante a ditadura civil-militar chamada Revolução Argentina, e o Exército Revolucionário Popular (ERP), de orientação marxista e braço armado do Partido Revolucionário do Trabalhadores (PRT).

Devido a influência da Revolução Cubana e no contexto da Guerra Fria, tanto na Argentina como em outros países latino-americanos, essas organizações guerrilheiras e os “movimentos de libertação nacional” surgiram num clima insurrecional¹². Suas ações contribuíram para que a ditadura militar convocasse eleições livres em 1973, nas quais venceu a frente eleitoral multipartidária que formou a Frente Justicialista de Liberación

¹⁰ *El Cordobazo* foi o início de uma crise de dominação que trouxe consigo uma mobilização autônoma da sociedade que superou os seus mediadores naturais. Juntamente com a revolta, emergiu uma heterogeneidade de atores que desafiou o atual Estado, a estrutura económico-social e as configurações ideológicas e culturais dominantes. Organizações político-militares, partidos autodefinidos como revolucionários, sindicalismo classista, ativismo estudantil universitário e secundário, movimentos intelectuais, culturais e até religiosos (Camarero; Mangiantini, 2019, p. 1).

¹¹ A ação de “colocar o corpo” marcou inalienavelmente o pensamento e a ação revolucionários. A questão da masculinidade nas organizações armadas argentinas foi trabalhada por Cosse (2019).

¹² Sua primeira ação pública ocorreu em 29 de maio de 1970, com o sequestro, posterior julgamento revolucionário e assassinato do ex-ditador antiperonista Pedro Eugenio Aramburu, um dos líderes do golpe de Estado que em 1955 derrubou o governo de Presidente Juan Domingo Perón. Montoneros sequestrou o ex-ditador para submetê-lo a um “julgamento revolucionário” por ser “traidor da pátria”, tendo baleado 27 pessoas para reprimir o levante do Valle em 1956, e para recuperar o corpo de Eva Perón que Aramburu havia sequestrado e feito desaparecer.

(FREJULI), com a candidatura presidencial do peronista Héctor José Cámpora, homem próximo de Montoneros.

De setores de direita, a loja anticomunista italiana Propaganda Due e a CIA fizeram com que ele renunciasse, apenas 49 dias depois, após o massacre de Ezeiza durante os dias do retorno de Juan D. Perón, onde jovens de Montoneros entraram em confronto com grupos de direita – ala do peronismo. Após a morte de Perón, em 1º de julho de 1974, a feroz guerra interna peronista foi desencadeada com uma política de terrorismo de Estado ‘levada a cabo’ pela organização parapolicial de direita chamada Triple A, comandada por López Rega, que se tornou o braço direito de Perón: Presidente María Estela Martínez de Perón.

Dois meses depois, Montoneros decidiu voltar à clandestinidade e reiniciar a luta armada. Em 8 de setembro de 1975, a presidente María Estela Martínez de Perón emitiu um decreto de aniquilação (Decreto nº 2.452/75¹³), proibiu sua atividade e a classificou como um “grupo subversivo”, o que iniciou a Operação Independência. Em 24 de março de 1976, o governo de Martínez de Perón foi derrubado e instaurada uma ditadura civil-militar anticomunista, que impôs um regime sistemático de terrorismo de Estado e aniquilação de opositores.

4 Da utopia ao desencanto e à expressão de outras práticas culturais e femininas

Abramo (1997, p. 31) observa que a juventude dos anos 80, se recusou “[...] a assumir lutas políticas e causas culturais que agora, depois da reelaboração feita sobre os anos 60 [...]” passou a ser um dos aspectos da representação da categoria social juventude. Entretanto, Brandão e Duarte (1990, p. 95) apontam que a juventude dos anos oitenta assumiram causas, como: “[...] a preservação do meio ambiente e o desarmamento nuclear[...]”.

Em função da crise que se instalou na sociedade brasileira, aquela juventude dos anos 80 se dedicou ao trabalho, como um meio de garantir a sobrevivência e a complementação da renda familiar. Alguns jovens, conseguiram se manter na escola mesmo com dificuldades de horário e financeiras. Outros, não conseguiram aliar a escola com a carga horária de trabalho. Desse modo, se evadiram da escola sem ao menos saber ler, escrever e fazer as quatro operações.

Na década de 90, as dificuldades políticas, econômicas e sociais se intensificaram, juntamente com a desesperança sobre as soluções tanto da crise econômica quanto da miséria vivida por uma parcela expressiva da população.

A política neoliberal fundamentou a economia, a circulação de bens de consumo, assim como, a oferta de emprego. Essa política não apresentou indicadores animadores

¹³ Disponível em: https://memresist.webhostusp.sti.usp.br/?page_id=239. Acesso em: 15 set. 2024.

nos diversos seguimentos da sociedade brasileira. A queda do então Presidente, Fernando Collor de Melo no ano de 1992, se iniciou pela imprensa e se confirmou por seu irmão.

Contra a permanência do presidente na época em função das denúncias de corrupção em seu governo uma parte expressiva da juventude foi às ruas para protestar e pedir a sua saída da presidência. Com rostos pintados com as cores verde-amarelo, logo foram chamados de caras-pintadas. Este acontecimento, segundo Nascimento (2002), foi considerado como um dos mais significativos no país, após a abertura política, uma vez que houve a mobilização de jovens de todas as regiões do país.

Acreditamos que a união e a identificação da juventude dos anos 90 com causas coletivas entre os jovens, possivelmente, silenciou pela crescente desigualdade social que leva o jovem a estabelecer seu território de luta, entre a preparação para dominar as novas tecnologias e a competição no mercado de trabalho (Nascimento, 2002).

Ao sabor das tendências do mercado, a juventude teve o mesmo tratamento que a mercadoria. O discurso neoliberal, como diz Bock, Furtado e Teixeira (2001, p. 13), é o de que tudo depende exclusivamente do jovem. Para tanto, ele deve ser “o melhor”, o mais “competente”, o mais “qualificado”. Isso motivou a competição fora dos princípios éticos e o individualismo.

As características que pesam a esses jovens nos anos 90 de desinteressados, egoístas e com o narcisismo exacerbado, sem problematização e reflexão crítica sobre o mundo, encobrem as implicações do discurso neoliberal na construção nos comportamentos e representações desses jovens. Esse discurso tira, sobretudo do jovem, a possibilidade de crítica, e da reivindicação da responsabilidade do Estado quanto às questões e mazelas sociais.

A década de 2000 ficou marcada como aquela em que a política brasileira de esquerda teve seu representante eleito pelo processo democrático em 2002 e foi reeleito em 2006. Podemos considerar que a partir dos anos desse governo, as políticas neoliberais perderam força e entrou em vigor o chamado neodesenvolvimentismo, cujo princípio se baseia nas medidas a serem efetivadas pelo Estado para que a política econômica mantenha seu crescimento aliada com a distribuição de renda.

Outro aspecto dessa política foi a retomada dos investimentos públicos nos setores estratégicos de infraestrutura. Quanto às questões sociais, podemos considerar que a população e, principalmente os jovens da atualidade, convive ainda com o desemprego, muito embora os percentuais estejam em queda. As desigualdades sociais e econômicas ainda se encontram presentes e se agravaram nos dois governos: o primeiro ocorreu nos anos de 2017 a 2018 e o segundo nos anos de 2019 a 2022.

Em março de 2020 iniciou no país a pandemia da Covid-19. Tivemos um cenário brasileiro devastador, incerto e desalentador em função das medidas que se implantaram

durante a crise sanitária que se estabeleceu no país. Vale destacar que o país já estava em crises, como: a social, a política, a econômica e a educacional, acentuadas em meio às políticas de caráter negacionista, privatistas neoliberais que em nada contribuíram para assegurar a proteção da população, assim como resolver inúmeros problemas que se arrastam se acentuam com o contexto pandêmico.

No caso da Argentina, a emergência da ditadura civil-militar de 1976 significou o culminar de uma forma de expressão da rebelião político-cultural juvenil. Agora, depois dessa efervescência e ‘uivo cultural’, os anos que virão geraram outras expressões e práticas de culturas juvenis.

A Guerra das Malvinas, em 1982, foi o início do fim da ditadura militar, mas também a manifestação de entusiasmo pela recuperação da democracia. O ressurgimento do *rock* nacional e o regresso ao país de figuras icônicas como a “Negra” Mercedes Sosa encheram os estádios de jovens que recuperaram a esperança.

A participação dos movimentos estudantis se renovou nas universidades, ao acompanhar o elenco de professores que retornaram ao país com a normalização das casas de estudo. Os alunos do secundário se agruparam em centros estudantis e recuperaram a tradição dos rapazes da “Noite dos Lápis”.¹⁴

Houve outras formas de participação juvenil nessa transição para a democracia (Vommaro; Cozachcow, 2017). Foram anos de experiência de uma militância juvenil heterogênea, marcada pela simultaneidade de duas gerações políticas, rumo a uma crescente profissionalização do ativismo, onde a democracia adquiriu centralidade nas práticas e causas militantes ou com a crescente especialização da militância nas universidades e partidos políticos.

Depois dessa nova militância, a década de noventa marcou outro momento de ruptura. As políticas neoliberais afetaram particularmente os jovens, especialmente os das classes populares. O desemprego e a insegurança sobre o trabalho levaram muitos deles a se tornarem – juntamente com as crianças de lares pobres ou sem-abrigo – os principais excluídos da nova modernidade pelas seguintes características: não estudam, não trabalham, permanecem fora da sociedade formal e se refugiam na sociedade informal. Essas são vulnerabilidades “não visíveis” de pobreza, crime ou marginalidade (Salvia, 2002).

A crise de 2001 foi o auge da tensão social e política nas ruas exigindo “Todos saiam”.¹⁵

¹⁴ A Noite dos Lápis é o nome dado a uma série de sequestros e assassinatos de estudantes do Ensino Médio ocorridos durante a noite de 16 de setembro de 1976 e dias seguintes, na cidade de La Plata, capital da Província de Buenos Aires, na Argentina. No total, dez estudantes do ensino secundário foram raptados e torturados por forças-tarefa da ditadura dominante, dos quais seis foram assassinados sem que os seus restos mortais tenham sido encontrados até hoje.

¹⁵ O *slogan* “Deixe todos irem!” reuniu setores heterogêneos que protestavam contra a situação socioeconômica, as restrições à retirada de depósitos dos bancos e as medidas repressivas da última reta do governo da Aliança (1999-2001).

Porém, para além dessas vozes, a Argentina recuperou novamente o entusiasmo, sobretudo dos jovens, com o futuro kirchnerista (Retamozo; Trujillo, 2019) e a militância estudantil, partidária e de diferentes movimentos sociais como o feminismo e a “onda verde” considerados mais ativos.

A ascensão política das forças de direita macristas e a retirada do Estado marcaram outro ponto de ruptura nessas formas de militância. A responsabilidade individual permaneceu no centro da cena e, com ela, a confiança nas ações coletivas foi desestabilizada. Com o agravamento dos problemas econômicos e sociais, as principais instituições que continham os jovens se deterioraram.

Perante o conhecimento vertical e hierárquico monopolizado pelas instituições acadêmicas, emerge um conhecimento mais plural, horizontal e orientado para o presente. Este passa a concorrer com a cultura visual das novas tecnologias entronizadas pelo mundo do consumo. A juventude, cada vez mais, adere a cultura virtual e os textos escritos se tornam menos utilizados.

Sem objetivos coletivos definidos que orientem a vida acadêmica, o ambiente escolar se tornou, assim, um cenário desencantador, que por mais motivador que ele se coloque, os jovens estão cada vez mais refratários à aceitação de qualquer norma institucional (Dubet, 2006, p. 107 *apud* Durán Vázquez, 2010).

Somamos a isso, a experiência traumática da pandemia da Covid-19 que marcou a sociedade como um todo. A população argentina passou a questionar as responsabilidades do Estado sobre a saúde pública. Uma parte desses jovens expressou a sua fúria pelo descrédito da política tradicional, e ataque a todas as formas de movimentos sociais anteriores (feminismo, diversidades sexuais, militância kirchnerista).

Assim, aquela rebelião juvenil dos anos sessenta e setenta, com as suas batalhas político-culturais, se virou (dos setores alto, médio e médio baixo) para a direita. Como alerta Stefanoni (2021) com sua pergunta: “a rebelião deu certo?”

5 Considerações finais

Assumimos a ambiciosa tarefa de dar conta das representações e experiências das culturas juvenis no Brasil e na Argentina desde cerca dos anos sessenta até os dias atuais. Uma abordagem que procurou demonstrar, numa perspectiva comparativa e conectada, as singularidades, mas também – como os leitores perceberão – os fortes pontos de contato que existem em ambas as sociedades pela existência de uma matriz que os atravessa, como a colonialidade da nossa história comum. Essa colonialidade implicou em subalternidade na era do capitalismo Norte-Sul. Significa que, a nossa juventude foi ‘atravessada’ por desigualdades de classe, étnicas e de gênero.

Mas, para além dessas interseccionalidades e singularidades das experiências históricas do Brasil e da Argentina, é possível encontrar traços comuns nas expressões desses jovens. As contestações contra a ordem dominante nas décadas de sessenta e setenta tiveram processos de subjetivação, experiências e repertórios culturais próprios que permearam a sociedade como um todo.

Assim, nos anos que sucederam a pandemia até os dias atuais, a cultura dessa juventude brasileira não deixou de marcar com suas pegadas a existência de seus projetos para o hoje e para o amanhã. Todavia, esses projetos, ainda, se encontram imersos em inúmeras dúvidas e indefinições, como: o retorno para a escola e o término dos estudos, e/ou a procura por um trabalho ou estágio ou um outro caminho de realização que tem retorno mais rápido, uma vez que a geração de jovens da atualidade revela inquietações muito mais voltada para o tempo presente do que para o futuro.

Esses e outros aspectos desse aprisionamento da cultura juvenil escondem possivelmente a dificuldade em ser jovem e viver a realidade que se apresenta na contemporaneidade em face da grande diferença para o plano virtual. Mediante as incertezas, as urgências na preparação para a vida e o ingresso no curso Superior, no campo de trabalho e para o protagonismo da independência e da autonomia, a juventude brasileira, sem descartar as diferenças, vive um cenário de complexidade cada vez maior no mundo contemporâneo pós-moderno.

Se essa foi a tendência nos anos do 'uivo cultural', no século XXI existem outras formas de rebelião e reivindicações juvenis com as suas reviravoltas políticas e ideológicas que devemos compreender. Ainda há muito para investigar e refletir além deste escrito, mas temos consciência de que é uma tarefa imperativa que nós, como pesquisadoras sociais, devemos empreender.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Ernesto. **Jóvenes, educación y empleo en América Latina**. Uruguai: Cinterfor, OIT, 2002.
- ABRAMO, Heloisa W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 5/6, p. 25-36, maio/dez. 1997. Disponível em: http://educacao.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_abstract. Acesso em: 15 set. 2024.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira:[1949], 2016.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **El normal caos del amor: Las nuevas formas de la relación amorosa**. Barcelona: Grupo Planeta, 2001.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BILBAO ARISTIMUÑO, Kepa. **La modernidad en la encrucijada**. Buenos Aires: Tercera Prensa, 1997.
- BOCK, Ana Maria Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 1990. (Coleção Polêmica).
- CAMARERO, Hernán; MANGIANTINI, Martin. Las izquierdas ante el Cordobazo: posiciones, debates y reorientaciones. **Aletheia**, La Plata, v. 9, n. 18, p. e004, jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.24215/18533701e004>. Disponível em: <https://www.aletheia.fahce.unlp.edu.ar/article/view/ALEe004>. Acesso em: 15 set. 2024.
- CONDORCET, Nicolás. **Esboço de uma história do progresso do espírito humano**. Campinas: Unicamp, [1794] 2013.
- COSSE, Isabella. Masculinidades, clase social y lucha política (Argentina, 1970). **Rev. Mex.Sociol**, Cidade do México, v. 81, n. 4, p. 825-854, out./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22201/iis.01882503p.2019.4.57978>. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0188-25032019000400825&script=sci_abstract. Acesso em: 15 set. 2024.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DI SALVO, Luciano; LIONETTI, Lucía. Representaciones audiovisuales de la maternidad soltera en la Argentina de las décadas de 1960 a 1990. *In*: BOHOSLAVSKY, Ernesto. **Contra putas, imberbes y maricas: derechas, guerra fría y género en América Latina**. Buenos Aires: Editorial Sarmiento, [202-?]. No prelo. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/85127>. Acesso em: 15 set. 2024.

DURÁN VÁZQUEZ, José Francisco. La crisis de autoridad en el mundo educativo. Una interpretación sociológica. **Nómadas-Critical Journal of Social and Juridical Sciences**, [s. l.], v. 28, n. 4, p. 2-24, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18118913009>. Acesso em: 15 set. 2024.

FAVERO, Betina. Las voces de una juventud silenciosa: memoria y política entre los otros jóvenes durante los años 60 (Mar del Plata - Argentina). **Historia y Memoria**, Colombia, n. 12, p. 215-252, jan./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.19053/20275137.4203>. Disponível em: https://revistas.uptc.edu.co/index.php/historia_memoria/article/view/4203. Acesso em: 15 set. 2024.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, [1929] 1996. v. 21. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GAY, Peter. **Modernidad: la atracción de la herejía de Baudelaire a Beckett**. Barcelona: Editorial Paidós, 2007.

GIDDENS, Anthony. **La transformación de la intimidad: sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas**. Madrid: Cátedra, 2006.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. São Paulo: Difel, 2000.

GUIMARÃES, Maria Eloísa. **Escola, galeras e narcotráfico**. 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1995.

HABERMAS, Jürgen. **El discurso filosófico de la modernidad**. Buenos Aires: Editorial Taurus, 1987. Versão espanhola.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (ed.). Rituales de resistencia: subculturas juveniles en la Gran Bretaña de Posguerra. **Cuadernos de Historia Contemporánea**, [s. l.], n. 36, p. 391-394, fev. 2014.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **Historia del siglo XX**. Buenos Aires: Crítica, 2002.

- ILLOUZ, Eva. **La salvación del alma moderna**. Terapia, emociones y la cultura de la autoayuda. Madrid: Katz Editores, 2010.
- LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude. **Historia de los jóvenes**. De la antigüedad a la Edad Moderna. Madrid: Taurus, 1996.
- MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. *In*: BRITO, Sulamita (org.). **Sociologia da juventude I**: da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. p. 69-94.
- MANZANO, Valeria. **La era de la juventud en Argentina**: cultura, política y sexualidad desde Perón hasta Videla. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1996.
- MAYER, Arno. **La persistencia del antiguo Régimen**. Madrid: Alianza Universidad, 1986.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Zahar. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- NASCIMENTO, Ivany Pinto. As representações sociais dos projetos de vida dos jovens: um estudo psicossocial. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/16343>. Acesso em: 15 set. 2024.
- NASIMENTO, Ivany; RODRIGUES Sonia Eli. Os jovens na Pós-Modernidade: caleidoscópio de seus projetos de futuro. **Revista Educere Et Educare**, [s. l.], v. 13, n. 28, maio/ago. 2018. DOI: 10.17648/educare.v13i28.18940. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/issue/view/930>. Acesso em: 15 set. 2024.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: como alguém se torna o que se é. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NUÑEZ FLORÊNCIO, Rafael. **Sociedad y política en el siglo XX**. Madrid: Síntesis, 1993.
- PUJOL, Sergio. **La década rebelde**: los años 60 en la Argentina. Buenos Aires: Emecé, 2002.
- RETAMOZO, Martín; TRUJILLO, Lucía. El kirchnerismo y SUS estratégias políticas em Argentina: desde la transversalidad hasta Unidad Ciudadana. **Revista Izquierdas**, Santiago, v. 42, p. 185-214, fev. 2019. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-50492019000100185. Acesso em: 15 set. 2024.

SALVIA, Agustín. Norte de nada: los jóvenes y la exclusion en los 90. **Realidad económica**, [s. /], n. 3, p. 110-124, ago. 2002. Disponível em: <https://www.aacademica.org/agustin.salvia/61.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

SENNETT, Richard. **La corrosión del carácter**. Barcelona: Península, 2001.

STEFANONI, Pablo. ¿La **rebeldia se volvió de derchas?** Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2021.

TERÁN, Oscar. **Positivismo y nación en Argentina**. Buenos Aires, Puntosur, 1987.

VOMMARO, Pablo Ariel; COZACHCOW, Alejandro Germán. Militancias juveniles en los 80: acercamientos a las formas de participación juveniles en la transición democrática argentina. **Trabajo y Sociedad**, [s. /], v. 30, n. 11, p. 285-306, nov. 2017.

TERÁN, Oscar. Nacionalismos argentinos: 1810-1930. *Revista de Ciencias Sociales*. Universidad Nacional de Quilmes. Quilmes, n. 1, nov. 1994, p. 31-40.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UnB, 1921.v. 2.

Recebido em julho/2024 | Aprovado em novembro/2024

MINIBIOGRAFIA

Ivany Pinto Nascimento

Doutor em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo - PUC. Pos-doutor em Currículo e Formação de professores pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. Professor Titular do Instituto de Ciências da Educação - ICED e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará e coordenador do grupo de estudos e pesquisas sobre juventude, subjetividade, representações sociais e educação -GEPEJURSE.

E-mail: ivany.pinto@gmail.com

Lucía Lionetti

Doutor em História pela Universidade Autónoma de Madrid. Professor da UNICEN Tandil; Pesquisador e Professor (Honorário) da UNICEN Tandil (Argentina); Diretor do Projeto: Cultura, identidades e faixas etárias na Argentina, séculos XVIII a XX. Membro fundador da Rede de História da Infância na América Latina (REHIAL/ Madrid/ Argentina).

E-mail: lionettilucia@gmail.com